ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS.

EM COMUNIDADE.

- JÔNATAS MATOS

ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS EM COMUNIDADE

JÔNATAS DE ARAÚJO MATOS

A PRESENTAÇÃO

A economia da comunidade Miracauera, local onde foi desenvolvida a pesquisa, é sustentada por meio da agricultura familiar para subsistência, onde os atores sociais envolvidos no processo produtivo pertencem à família do produtor. Em relação ao escoamento da produção de hortaliças, a presente pesquisa propôs identificar a atuação do atravessador no processo de escoamento da produção de hortaliças da comunidade Miracauera, descrevendo e caracterizando o processo de produção de hortaliças em ambiente de várzea na comunidade Miracauera, pontuando as principais dificuldades dos produtores da comunidade em relação ao escoamento da sua produção e abordando a forma de atuação do agente de comercialização no processo de escoamento de hortaliças, uma vez que o produtor não possui embarcação própria e nem local para vender na feira Manaus Moderna, principal destino da produção agrícola da comunidade. A partir desse cenário desfavorável, a alternativa encontrada pelos produtores da comunidade é a venda de sua produção, mesmo obtendo menor lucro, para os chamados atravessadores. O desenvolvimento da pesquisa que compõem o livro se deu a partir de atividades em campo, observação direta e aplicação de um questionário voltado para os agricultores. As comunidades ribeirinhas têm uma relação com o rio, retirando dele o seu alimento e mantendo uma ligação com as demais comunidades próximas utilizando o rio como via de deslocamento. O ambiente de várzea, local onde são realizados os cultivos, apresenta vários processos morfológicos, por exemplo, a *erosão* e a *deposição*. Sobre esse espaço vivido e reproduzido, que é a várzea, os agricultores desenvolvem um conjunto de práticas que possibilitam o desenvolvimento de seus cultivos: a seleção das áreas para determinada cultura, geralmente nas áreas próximas às margens dos rios, pois recebem os sedimentos provenientes da inundação fluvial. O ambiente de várzea possui um grande potencial para a agricultura devido à fertilidade do solo que é fertilizado pelos sedimentos depositados. Entretanto, além dessa peculiaridade existem fatores que limitam a produção de hortaliças na comunidade Miracauera, que serão abordados no decorrer desta obra.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. OBSERVÂNCIA DOS TEÓRICOS	6
3. CAPÍTULO 1. CARACTERIZAÇÃO GEO-HISTÓRICA DA ÁREA DE ESTUDO.	9
1.1. <i>Características Geológicas e Geomorfológicas</i>	12
CAPÍTULO 2. A PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS EM AMBIENTE DE VÁRZEA NA COMUNIDADE MIRACAUERA, CAREIRO DA VÁRZEA-AM.....	15
2.1. <i>Caracterização do Sistema Produtivo da Comunidade Miracauera.</i>	22
2.2. <i>Caracterização dos Subsistemas: roça e quintal.</i>	26
CAPÍTULO 3. O TRABALHO DOS AGRICULTORES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E ESCOAMENTO DAS HORTALIÇAS.	28
3.1. <i>Aspectos Limitantes à Produção de Hortaliças na Comunidade Miracauera.</i>	29
CAPÍTULO 4. A ATUAÇÃO DO AGENTE INTERMEDIÁRIO NO ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS.	32
4.1. <i>A atuação dos Agentes Intermediários no Processo de escoamento de Hortaliças na Comunidade Miracauera.</i>	35
CAPÍTULO 5. RESULTADOS.	40
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO.

A economia da comunidade Miracauera é sustentada por meio da agricultura familiar para subsistência, a força de trabalho empregada é totalmente familiar, onde os atores sociais envolvidos no processo produtivo pertencem à família do produtor e estes por sua vez habitam as margens dos rios.

Na comunidade a produção de hortaliças é desenvolvida por meio de culturas para o consumo familiar e o excedente vai para abastecimento das feiras em Manaus. Daí surgiu uma indagação: saber como se dava o escoamento da produção agrícola no processo da produção de hortaliças e como o atravessador está inserido nesse processo.

Em relação ao escoamento da produção de hortaliças, a presente pesquisa propôs identificar a contribuição desse agente de comercialização, pois o mesmo leva a produção de hortaliças até o mercado consumidor urbano, comercializando no lugar do produtor e possivelmente retendo a maior parte do lucro e saber qual a sua importância no processo de escoamento da produção de hortaliças, uma vez que esse agente de comercialização é o principal comercializador da produção de hortaliças da comunidade Miracauera.

Os moradores da comunidade Miracauera, objeto de estudo, são chamados de ribeirinhos por residirem à margem do rio, dessa maneira os caboclos – ribeirinhos desenvolvem uma relação particular com o rio, vendo nele ora uma barreira, ora uma via de contato com outras comunidades e com a cidade de Manaus.

O rio não é apenas um espaço físico, para os ribeirinhos, o rio é uma das fontes de alimento e lugar de seu trabalho, de sua sobrevivência. Por isso é necessária a compreensão do modo de trabalho dos agricultores, tendo em vista que a base econômica da comunidade é a produção de hortaliças em ambiente de várzea e concomitante a contribuição social para os produtores da comunidade Miracauera.

Esta pesquisa partiu da necessidade de compreender a relação do produtor com o agente intermediário, bem como a importância desse agente no escoamento da produção de hortaliças e como ocorre a atuação do mesmo na comunidade.

Como se trata de um ambiente de várzea, os ribeirinhos desenvolvem suas plantações nas áreas próximas dos rios, que são caracterizadas pelo cultivo de hortaliças de pequeno ciclo, isso devido à sazonalidade do regime das águas.

Portanto, o cultivo de hortaliças representa uma alternativa para a permanência das populações ribeirinhas no interior, pois é uma atividade econômica promissora e representa o autoconsumo e também a comercialização dessa produção no mercado urbano de Manaus.

Porém, na questão do escoamento há uma problemática no que diz respeito às condições de o produtor levar a sua produção para o mercado urbano, uma vez que o mesmo não possui embarcação própria e nem local para vender na feira Manaus Moderna.

A alternativa encontrada pelos produtores da comunidade é vender sua produção, mesmo obtendo menor lucro, para os chamados atravessadores sob o argumento de que é difícil o trajeto para a cidade com a produção, além de pagar o frete para o transporte, o produtor entrega o seu produto para o atravessador que vai vender nas feiras de Manaus.

2. OBSERVÂNCIA DOS TEÓRICOS

A fundamentação deste trabalho está baseada em autores que abordam sobre a questão da produção de hortaliças, comunidades ribeirinhas, modo de vida ribeirinha e uso dos recursos naturais, bem como a questão dos agentes econômicos (FRAXE, *et al*, 2007), e como se dá a apropriação do espaço pelo homem da várzea amazônica.

Outra abordagem é feita por Masulo Cruz (2007) onde este destaca a Territorialização Camponesa na Várzea da Amazônia, analisando as transformações territoriais ocorridas na produção camponesa nas áreas de várzeas, e se refere ao uso da terra na várzea amazônica, na qual são discutidas as diferentes formas de ocupação familiar da terra, tanto as existentes quanto as acrescidas. Esse acréscimo ocorre em decorrência do processo de migração das laterais, erosão nas margens e “terras-caídas”.

A respeito deste tema falam: Rozo *et all* (2005); Análise Multitemporal do Sistema Fluvial entre a ilha do Careiro e a foz do Rio Madeira e Carvalho (2006) onde explica o fenômeno das “terras caídas” nas margens do rio Amazonas e como essa erosão lateral acelerada afeta a vida dos moradores ribeirinhos enfatizando inúmeros danos socioambientais aos ribeirinhos, bem como, fatores que contribuem para a ocorrência desse fenômeno que resultam de processos complexo, interdependente envolvendo a pressão hidráulica da água canalizada, pressão hidrostática na planície de inundação, composição do material das margens, fatores climáticos como vento e chuva, neotectônicos e mais recentemente fatores antropogênicos como desmatamento das margens e ação de barcos.

Sioli (1975) *apud* Lima *et all* (2007) afirma que Hidrodinâmica do rio Amazonas e de seus tributários de águas barrentas transformam continuamente o ambiente de várzea pelo seu intenso dinamismo, Magalhães & Albuquerque (2010) abordam uma análise do risco das terras caídas e as consequências sócio-ambientais.

Como ocorre a reprodução da vida nas águas (CARDOSO & NOGUEIRA, 2005), a sua adaptação a esse ambiente que sofre a sazonalidade das águas e a tipologia de *Homens Anfíbios* (FRAXE, 2000), o rio como meio de locomoção e contato com outras comunidades e o uso do rio para escoamento da produção e transporte.

Além de trabalhar com a compreensão das categorias: percepção, espaço vivido, representação e lugar, conceitos fundamentais na Geografia, valorizando as experiências

concretas do ribeirão com o mundo das águas, “entendendo este como ser, e o mundo como lugar de vida de cada ser, de cada homem, e entendendo, ainda, que este homem se constrói nessa correlação Ser-Mundo, trazemos esta proposição para a Geografia e podemos pensar que o conhecimento elaborado nesta relação revela uma geograficidade em cada sujeito” (NOGUEIRA, 2001, p. 24).

Geograficidade “refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas ou naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial” (DARDEL, 1952 *apud* NOGUEIRA, 2001).

As comunidades ribeirinhas têm uma relação direta com o rio, retirando dele o seu alimento e mantendo uma ligação com as outras comunidades utilizando o rio como via de deslocamento. Podemos caracterizar a área do Careiro da Várzea como espaço da água que implica um domínio baseado na mobilidade e fluidez. (CARDOSO & NOGUEIRA, 2005).

O Careiro da Várzea, de acordo com Brandão *et al* (2009), em sua extensão territorial apresenta 90% de área de várzea e somente 10% de terra-firme. De acordo com Sausen & Aquino quanto à Geologia, ocorrem dois tipos de litologias: os aluviões, que têm sua origem no Holoceno, correspondem aos depósitos recentes e a formação Solimões, datada do Pleistoceno (DNPM, 1976 a 1978, *apud* SAUSEN & AQUINO). A compartimentação da área de estudo é dividida em quatro unidades de relevo: planícies fluviais, planícies flúvio-lacustres, divisores tabulares e áreas dissecadas em tabuleiros.

Van Leeuwen *et al* (1997), *apud* Brandão *et al* (2009), faz referência a faixa de terras de várzea próximas a Manaus, que mede 130 Km de comprimento. Estas se limitam desde o município de Manacapuru no médio Solimões até o município de Careiro da Várzea no rio/baixo Solimões/Amazonas. São áreas de solos férteis e com gerações de grupos humanos nativos do local que há mais de três séculos praticam agricultura tradicional.

A produção de hortaliças vem assegurando a permanência das populações tradicionais no interior evitando que haja o abandono das áreas ribeirinhas e ocorra a migração para a cidade de Manaus. Quanto à questão da organização do trabalho, a força de trabalho dos grupos familiares é representada pelo homem e pela mulher (casal), as crianças só desempenham funções produtivas quando não estão estudando (BRANDÃO *et al*, 2009).

A força de trabalho é familiar. Segundo Wolf (1970) apud Fraxe *et al* (2007), a família camponesa se divide basicamente em *nuclear ou conjugal*, que são compostas, exclusivamente, pelos cônjuges e por sua prole; e *famílias extensas*, que agrupam em uma única estrutura, outras famílias nucleares, em número variado.

Em relação ao transporte, há uma importância muito grande na utilização do mesmo, e se torna essencial a utilização do transporte aquaviário. Peixoto (2006) define “transporte aquaviário (ou hidroviário) como aquele que diz respeito a todos os tipos de transporte efetuado sobre a água”.

Nogueira (1999) em seu trabalho intitulado Amazonas: Um Estado Ribeirinho aborda sobre a questão da utilização do transporte fluvial no Amazonas em seus diversos segmentos, em se tratando de um estado quase completamente ribeirinho, com fluxos internos lentos, mas que atende à necessidade da população que já está habituada com a relação tempo-distância que vigora na região.

Segundo Frota (2006), o transporte hidroviário é responsável pela sobrevivência do complexo da bacia amazônica, pois quase a totalidade do abastecimento básico é feita através de suas vias. De acordo com Duarte *et all*, a maior parte dos municípios do Amazonas possui o transporte aquaviário como único meio de transportar pessoas e cargas. “Nos municípios amazônicos os rios são como estradas, sendo o único acesso para se chegar à maioria das localidades, sendo eles indispensáveis para a manutenção do cotidiano das relações sociais e econômicas da região” (GOMES & SCHERER, 2010).

Estes autores são a base referencial do trabalho, uma vez que a compreensão das relações se dá a partir de um embasamento teórico que possibilite a realização de uma leitura de mundo e a percepção dos fenômenos no contexto da reprodução da vida nas várzeas do Careiro, sendo presentes na vida do ribeirinho de maneira constante, obrigando-os a uma adaptação constante em meio a esse ambiente sazonal.

3. CAPÍTULO 1. CARACTERIZAÇÃO GEO-HISTÓRICA DA ÁREA DE ESTUDO.

A pesquisa foi realizada na comunidade Miracauera, uma comunidade ribeirinha localizada no Paraná do município do Careiro da Várzea – AM, distante de Manaus em linha reta 22 km. O município do Careiro da Várzea é um dos 62 municípios do Estado do Amazonas e também é integrante da região metropolitana de Manaus situado na região Rio Negro-Solimões.

A Região Metropolitana de Manaus foi instituída pela Lei Complementar nº 52, de 30 de maio de 2007, composta inicialmente pelos Municípios de Manaus, Iranduba, Novo Airão, Careiro da Várzea, Rio Preto da Eva, Itacoatiara e Presidente Figueiredo.

O município de Manacapuru foi incluído posteriormente pela Lei Complementar nº 59, de 27 de dezembro de 2007, publicada no Diário Oficial do Estado do Amazonas, número 31.251, ano CXIV, de 27 de dezembro de 2007, onde altera a Lei Complementar 52 de 2007, inserindo os municípios à Região Metropolitana de Manaus: Manaquiri, Careiro, Autazes, Itapiranga e Silves por meio da Lei Complementar n.º 64, de 30 de abril de 2009, promulgada pela Assembléia Legislativa do Estado.

O acesso a estas comunidades é feito por meio do transporte fluvial em pequenas embarcações ou barco regional, muito utilizado pelos ribeirinhos, onde praticamente toda a dinâmica social das comunidades ribeirinhas são conduzidas pelas pequenas embarcações, pois as mesmas propiciam a ligação entre as comunidades localizadas ao longo do Rio Solimões, desempenhando papel fundamental nas relações culturais entre as comunidades.

De acordo com Nogueira (1999), o transporte pela via fluvial para a maior parte das localidades é a única alternativa, pois ainda habitadas por populações caboclas que tem no rio uma das suas fontes principais de vida. Isso posto, o rio tem significância na vida do ribeirinho, pois está intrinsecamente ligado à questão da reprodução social e o apego ao lugar.

No Careiro da Várzea a maior parte da população reside nas comunidades ribeirinhas, zona rural do município. De acordo com dados do Censo Demográfico 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), do total de 23.930, apenas 1.000 pessoas moram na área urbana (sede) do município e 22.930 na área rural, portanto, a população

urbana na sede municipal corresponde a 4,18% e a população rural 95,82%, a densidade demográfica no município é de 9,09 hab/Km² (quadro 1 e 2).

Quadro 1. População do município do Careiro da Várzea.

População	23.930
Densidade demográfica (hab/Km²)	9,09
Código do Município	130115
Gentílico	Careirense da Várzea.

Fonte: IBGE. Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=13&dados=1>>

Quadro 2. Sinopse do Censo Demográfico 2010, Careiro da Várzea – AM.

Careiro da Várzea – AM	
Sinopse do Censo Demográfico 2010.	
População residente	23.930 pessoas.
População residente urbana	1.000 pessoas.
População residente rural	22.930 pessoas.
Homens	12.688 homens.
Homens na área urbana	481 homens.
Homens na área rural	12.207 homens.
Mulheres	11.242 mulheres.
Mulheres na área urbana	519 mulheres.
Mulheres na área rural	10.723 mulheres.

Fonte: IBGE, 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>

O Careiro da Várzea mantém em seus 2.642 km quadrados, a maior ilha da região, a Ilha do Careiro, que tem uma extensão de 738 km quadrados, sendo habitada por boa parte da população careirense (NOGUEIRA, 2007).

Registra-se como primeiro morador do Careiro, em 1870, o caboclo Francisco Ferreira. Mas somente no ano de 1938, através do Decreto Lei nº. 176, cria-se no município de Manaus, o distrito do Careiro. Em 1955, é desmembrado do município de Manaus o seu território e o Careiro passa a ser município autônomo. No mesmo ato, a Vila do Careiro, sede do município, é elevada à categoria de cidade.

Através da Lei n. 1828 de 30/12/1987, o município, sede da antiga Vila do Careiro, é criado sob a denominação de Careiro da Várzea, elevado à categoria de município e distrito com a denominação de Careiro da Várzea pela lei estadual nº 1828, de 30-12-1987, sendo desmembrado do município de Careiro.

A sede é o atual distrito de Careiro da Várzea (ex-povoado de Vila do Careiro), instalado em 01/01/1989. Em divisão territorial datada de 1995, o município é constituído do distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009.

Sternberg (1998) em seu estudo sobre A água e o homem na várzea do Careiro, chama atenção para a dependência entre as populações ribeirinhas e os cursos d'água, Sternberg investigou também as conseqüências dessa relação para os rios, que se tornam graves quando o desmatamento aumenta o fluxo de água e reduz a calha dos rios por acúmulo de sedimentos, causando enchentes letais para as comunidades que vivem às suas margens.

Enfatiza ainda que para entender melhor a questão de povoamento na Várzea do Careiro, é preciso saber que foi habitado por sociedades diversas, que cada uma a seu tempo, deixando vestígios de sua passagem, a marca mais ou menos duradoura de sua economia, enfim, a expressão do seu gênero de vida.

Sternberg faz uma relação ao senhor Marcolino Carneiro da Rocha, o “Velho Lino”, que saiu do Ceará em princípios de 1989, indo residir no Paraná do Cambixé. Os pormenores da viagem feita pelo moço de então, em companhia dos pais e outros parentes tangidos pela seca dos “três oito”, guardou-as a memória do ancião, que forneceu, assim, precioso subsidio para a reconstrução da ocupação cearense da região. Faleceu a 22 de maio de 1951, aos 86 anos de idade.

Conforme Nogueira (2007), o município do Careiro da Várzea foi sendo construído ao longo de um trecho de várzea do rio Solimões-Amazonas. Essa denominação foi adquirida, segundo informações de antigos moradores “por ter tido há muito tempo um comércio que pertencia a Francisco que por vender tudo muito caro, a população estava sempre reclamando que aqui é “careiro”.

Sternberg (1998) *apud* Nogueira (2007) afirma que desde 1774 a região já era conhecida, e chamada pelos seus primitivos habitantes de Uaquiri.

De acordo com Nogueira (2007) “a área de várzea ocupada por este município fica entre 10 e 25 quilômetros” apresentando segundo Iriondo (1982) apud Nogueira (2007) duas unidades geomorfológicas distintas:

1. Planície de bancos e meandros atuais: faixa de de sedimentos arenosos que o rio deposita através de migração lateral.

2. Depósitos de inundação: áreas planas, de origem ligada ao processo de colmatação que ocorrem durante enchentes.

1.1. Características Geológicas e Geomorfológicas.

A área que compreende o trecho entre a cidade de Manacapuru e foz do rio Negro segundo Oliveira (1996) têm a seguinte caracterização:

Topograficamente a área se caracteriza por apresentar pequena variação altimétrica, com cotas entre 50 e 100m na porção norte/nordeste e entre 25 e 50m nas partes sul e oeste, nas quais se inclui a planície de inundação do rio Solimões. O relevo é constituído, além das planícies fluviais e fluviolacustres, por modelados de dissecação em topos convexos. (Radam Brasil, 1978, *apud* Oliveira, 1996, p. 234).

As mesmas características são corroboradas por Marinho (2009), no qual afirma que o trecho que corresponde ao rio Solimões entre a cidade de Manacapuru e a foz do rio Negro, próximo à cidade de Manaus apresenta uma topografia com pequenas variações – cotas entre 50 e 100m – e relevo constituídos por planícies fluviais e fluviolacustres. A geologia da área de planície é composta por aluviões Holocênicos e para as áreas dissecadas encontram-se os sedimentos terciário-quaternário das formações Solimões e Alter do Chão. (RADAM BRASIL, 1978, *apud* MARINHO & MELO, 2009).

Quanto aos aspectos geológicos, são encontrados aluviões fluviais Holocênicos nas faixas de planície, enquanto nas áreas dissecadas verificam-se os sedimentos terciário-quaternários da Formação Solimões e os sedimentos cretáceos da Formação Alter do Chão. (OLIVEIRA, 1996).

Os solos existentes nas áreas de planície são os Solos Aluviais eutróficos e os Gleissolos eutrófico e álico. Na área de dissecação em interflúvios tabulares elaborados sobre os sedimentos cretáceos encontra-se o Latossolo Amarelo álico, ao passo que no trecho correspondente aos dissecados em sedimentos pliopleistocênicos verificam-se o Plintossolo

álico nos topos tabulares e o Podzólico Vermelho-Amarelo álico nos topos convexos. (RADAM BRASIL, 1978, *apud* OLIVEIRA, 1996).

“Os solos de várzea desenvolvem-se sobre sedimentos Holocênicos, recentemente depositados” (LIMA, 2001, *apud* LIMA, *et all*, 2007). O nível elevado do lençol freático associado à inundação periódica a que estão sujeitos limita o processo pedogenético, resultando em solos jovens e, em alguns casos, apenas sedimentos em processo incipiente de pedogênese.

Para Lima *et all* (2007) “as várzeas são produtos dos rios, especialmente daqueles ricos em sedimentos em suspensão”. Quanto à origem, as várzeas tiveram sua formação a partir de sedimentos provenientes do Quaternário, por isso a predominância de solos mais novos. A formação das várzeas do sistema Solimões Amazonas se deu através da deposição de sedimentos nos vales escavados pela força da água durante a última glaciação.

No Careiro da Várzea, quanto à geologia ocorrem dois tipos de litologias:

1. Os aluviões: que tem sua origem no Holoceno, correspondem aos depósitos recentes e atuais das planícies fluviais e flúvio-lacustres. **2. A formação Solimões:** datada do Pleistoceno. (DNPM, 1976 a 1978, *apud* SAUSEN & AQUINO).

Quanto à compartimentação Geomorfológica, as classes geomorfológicas existentes no Careiro são:

a) Planícies fluviais: São formas de acumulação. A faixa de planície fluvial posiciona-se ao longo da margem direita dos rios Solimões e Amazonas.

- A planície fluvial pode ser dividida em duas áreas distintas: planície fluvial inundável, que são áreas aplainadas resultantes de acumulação fluvial sujeita às inundações periódicas;
- Planície fluvial alagada, que são áreas aplainadas resultantes de acumulação fluvial, constantemente alagada.

b) Planícies Flúvio-lacustres: São áreas de acumulação que se posicionam nas imediações dos lagos. São cortadas por fluxos e paranás que subdividem os lagos através do efeito de colmatagem. Apresentam limites imprecisos; a diferenciação entre as planícies fluviais e as

planícies flúvio-lacustres é feita pela localização destas junto aos lagos, e das primeiras aos rios.

c) Divisores tabulares: São áreas de dissecação. Ocupam geralmente uma posição de cimeira dentro do arcabouço topográfico e funcionam como dispersores de água. Por ser uma área topograficamente mais elevada, permanece seca durante o ano todo, não estando sujeita a inundações nem por ocasião do período da cheia.

d) Áreas dissecadas em tabuleiros: São áreas de dissecação. Diferenciam-se da unidade anterior pelo maior grau de dissecação e porque ocorrem em áreas drenadas pelos rios que se dispersam em direção aos grandes lagos. O limite entre esta unidade e a anterior está mais associado à dissecação e ao padrão de drenagem do que às rupturas topográficas. (SAUSEN & AQUINO).

Segundo Iriondo (1982) *apud* Nogueira (2007) o Careiro da Várzea apresenta duas unidades geomorfológicas distintas:

- **Planície de bancos e meandros atuais:** faixa de sedimentos arenosos que o rio deposita através de migração lateral.
- **Depósitos de inundação:** áreas planas, de origem ligada ao processo de colmatção que ocorrem durante enchentes.

CAPÍTULO 2. A PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS EM AMBIENTE DE VÁRZEA NA COMUNIDADE MIRACAUERA, CAREIRO DA VÁRZEA-AM.

Conceituar o morador desse ambiente de várzea (os ribeirinhos), é algo difícil. Envolve nesse processo a questão do campesinato dos ribeirinhos e a historicidade acerca dos conceitos a eles atribuídos.

Conforme Cruz (2007) a tarefa de estabelecer conceitos é sempre difícil e nem sempre alcança os objetivos propostos. Os conceitos normalmente buscam estabelecer regras gerais a respeito de determinados assuntos. Porém, os parâmetros estabelecidos nem sempre condizem com a realidade, devendo ser utilizado como instrumento de análise.

A comunidade ribeirinha é assim designada pelo fato de os moradores construírem suas casas ao longo da margem dos rios, pois as restingas são as áreas com cotas altimétricas mais elevadas devido ao acúmulo de sedimentos. Para Fraxe (2000) os caboclos-ribeirinhos, sobretudo os ilhéus do Careiro da Várzea, desenvolvem uma relação particular com o rio, portanto, se estabelecendo às margens do mesmo que é constituído como principal via de deslocamento.

De acordo com Soares (2005) a definição de ribeirinho é abrangente, pois incluiria, além dos caboclos-ribeirinhos (FRAXE, 2000 e 2004; CRUZ, 2007) todos os agentes sociais situados às margens desses ambientes, como pecuaristas, madeireiros, garimpeiros, hoteleiros, agroindústrias, armadores, frigoríficos etc. Soares (2005) afirma que revisando a bibliografia, percebe-se que recorrentemente são designados ribeirinhos “os habitantes das várzeas” (NEVES, 2003, p.47; SCHERER, 2003, p.96, dentre outros), como auto-evidência, de modo que o atributo geográfico confere e harmoniza a todos como sendo ribeirinhos supondo-os determinados a um modo de vida conferido pela natureza.

Cruz (2007) enfatiza que diversos autores têm tentado buscar elementos para caracterização do campesinato, que serão utilizados como apoio na compreensão da produção camponesa na várzea amazônica.

O conceito de camponês deve ser compreendido como afirma Shanin *apud* Cruz (2007): a exploração camponesa forma uma unidade de produção-consumo que encontra seu principal sustento na agricultura e apoiada, principalmente no trabalho familiar. Nas comunidades ribeirinhas a força de trabalho empregada é familiar, na comunidade Miracauera

as unidades produtivas utilizam a mão-de-obra familiar, apenas quando é necessário o produtor utilizada a mão-de-obra de outras unidades familiares, onde alguns vizinhos são contratados para a colheita no sistema de diárias ou impleleitas, isso ocorre quando o produtor tem mais posses e sua produção é maior que a dos demais ou quando a colheita do produtor é considerável.

Outros autores destacam a questão do camponês designando para estes moradores da várzea termos como “*Homens Anfíbios*” (FRAXE, 2000) onde esta tipologia é utilizada pelas peculiaridades adaptativas do ribeirinho que habitam dois ambientes: a terra e a água. Oliveira (1991) *apud* Cruz (2007) em sua pesquisa na região das ilhas, município de Gurupá-PA, identificou dois tipos, que ele denominou de “ribeirinhos” para os moradores de várzea, e “roceiros” para os moradores da terra-firme.

Cruz (1999) no trabalho sobre o Careiro da Várzea designa para esses habitantes “caboclos-ribeirinhos”. Witkosk (2006) no seu estudo na calha do rio Solimões-Amazonas denomina os moradores da várzea de “camponeses amazônicos”. Castro (1997) *apud* Cruz (2007) reconhece como “ribeirinhos”, mostrando a estreita relação desse morador das margens dos rios, lagos, paranás e igarapés com a natureza na região:

Encontramos nos denominados *ribeirinhos*, na Amazônia, uma referencia, na linguagem, a imagem de mata, rios, igarapés e lagos, definindo lugares e tempos de suas vidas na relação com as concepções que construíram sobre a natureza. Destaca-se como elemento importante no quadro de percepções, sua relação com a água. Os sistemas classificatórios dessas populações fazem prova desse patrimônio cultura. O uso dos recursos da floresta e dos cursos d’água estão, portanto, presentes nos seus modos de vida, enquanto dimensões fundamentais que atravessam as gerações e fundam uma noção de território, seja com patrimônio comum, seja como de uso familiar ou individualizado [...]. (CASTRO, 1997 *apud* CRUZ, 2007, p. 7).

Em sua tese Cruz (2007) optou pela designação de “ribeirinho”, onde emprega concomitante com o termo camponês: “camponês-ribeirinho”, pois morar às margens dos rios amazônicos é muito mais que uma posição geográfica, é um complemento da vida.

Portanto, “as várzeas amazônicas têm assegurado a sobrevivência de grupos humanos, desde os primórdios de sua ocupação, que remonta a milhares de anos” (FRAXE *et all*, 2007). Para a economia da população local “a produção de hortaliças no interior do Estado do Amazonas tem sua importância tanto para quem mora na cidade de Manaus como para os produtores rurais” (MATOS & SANTOS, 2010) que se mantém da produção de hortaliças nas várzeas do Careiro abastecendo o mercado urbano de Manaus.

Todavia, é importante citar a leitura de pensadores a exemplo de Abramovay (1998), que enfatiza que “o campesinato é uma categoria, que foi destruída pelo capitalismo” e difundiram no Brasil um paradigma da questão agrária, impondo à sociedade a Agricultura Familiar que nos traz consigo nenhum compromisso social, ao contrário da categoria camponesa, conforme aponta Neves (2001).

Seu modo de vida e reprodução social ocorre no ambiente de várzea, o qual, segundo o Dicionário geológico-geomorfológico (Guerra, 1975) compreende “terrenos baixos e mais ou menos planos que se encontram juntos às margens dos rios”.

Na linguagem geomorfológica, é o leito maior dos rios, que são utilizadas para a agricultura. A planície de inundação fluvial de deposição Holocênica, que margeia os rios de águas brancas da Amazônia, que está sujeita a inundações sazonais é regionalmente denominada várzea. De acordo com Ferreira *et al* (1999), “as várzeas são fertilizadas pelo sedimento em suspensão que é depositado, tornando essas áreas as mais férteis da Região Amazônica”.

“A várzea compreende grandes faixas de terras marginais aos rios de águas brancas, compondo uma planície aluvial que pode alcançar até 100 km de largura, em um sistema complexo de canais, lagos, ilhas e diques marginais” (SIOLI, 1951, *apud* LIMA *et al*, 2007; MOREIRA, 1977, *apud* LIMA *et al*, 2007; IRIONDO, 1982, *apud* LIMA *et al*, 2007).

Os solos de várzea desenvolvem-se sobre sedimentos Holocênicos, recentemente depositados. O nível elevado do lençol freático e a inundação periódica a que estão sujeitos limitam o processo pedogenético, resultando em solos jovens e, em alguns casos, apenas sedimentos em processo incipiente de pedogênese. (LIMA, 2001, *apud* LIMA, *et al*, 2007).

Para Lima *et al* (2007) “as várzeas são produtos dos rios, especialmente daqueles ricos em sedimentos em suspensão”. “O ambiente de várzea se caracteriza por vários processos de transformação morfológicos, por exemplo, a *erosão* e a *deposição*” (SILVA & WITKOSKI, 2006). De acordo com Cruz (2009) o ambiente de várzea do complexo Solimões-Amazonas “apresenta uma dinâmica fluvial ativa de erosão (“terras-caídas”) e deposição de sedimentos” (“aterros”), onde surgem micromeios como os diques marginais conhecido regionalmente como restingas que possuem cota altimétrica mais elevada (várzea alta) alagadas somente nas cheias excepcionais.

Conforme Pereira (1995) “estas inundações periódicas fazem da várzea uma paisagem anfíbia”, portanto, essas oscilações no nível de flutuação da água tornam esse ambiente sazonal, obrigando o ribeirão da várzea a desenvolver mecanismos adaptativos. Pereira (2002, 2007) afirma que os processos erosivos se formam na margem côncava do canal ou Paraná, em forma de “Barranco” (margem instável), em contato com um banco ou terraço mais elevado, a correnteza mais forte do rio erode a margem, causando o fenômeno denominado “terras caídas” (erosão fluvial).

Esse fenômeno causa consequências para os ribeirinhos, conforme Carvalho (2006) perda da propriedade, mudança da residência, risco de morte. Segundo Sternberg (1998) “esse fenômeno arrebatava boas terras marginais tragando [...] pastagens, ameaçando as moradias e engolindo-as, quando os proprietários não as recuam a tempo”.

Sternberg ainda destaca que o terreno hoje depositado amanhã poderá ser removido, devido aos retoques causados pela água às margens. A esse dinamismo Pereira (2007) denomina de movimento de migração das laterais (fig.1), que ocorrem na margem côncava. Essa margem recebe a “agressão” do fluxo da correnteza que vem da montante, essa lateral recebe toda essa correnteza e muda o curso do rio à jusante no momento do contato da água com a margem, que sofre constantes retoques removendo sedimentos inconsolidados e transportando para outra margem.

Figura 1. Margem (côncava) de desagregação.
Autor: MATOS, J. A. (2010).

Na margem convexa do canal ou *Paraná*, predominam os processos construtivos. Com o transbordamento da margem do canal, o rio vai construindo uma espécie de dique (PEREIRA, 2007).

Ainda conforme Pereira, a maior parte da carga de sedimentos transportados pelo rio é depositada na parte mais próxima do canal. São nesses locais que os produtores aproveitam para plantar suas hortaliças.

De acordo com Magalhães & Albuquerque (2010), “a erosão de margem (fig.2) é um processo natural decorrente da dinâmica fluvial envolvendo erosão, transporte e deposição, onde são removidos sedimentos inconsolidados das margens côncavas e depositados nas margens convexas”.

Figura 2. Erosão da margem.
Autor: MATOS, J. A. (2010).

“A várzea é uma paisagem que varia freqüentemente devido a Hidrodinâmica do rio Amazonas e de seus tributários de águas barrentas que transformam continuamente o ambiente de várzea pelo seu intenso dinamismo” (SIOLI, 1975, *apud* LIMA *et al*, 2007). Esse dinamismo é evidenciado pelo fenômeno da cheia e vazante, que afetam diretamente a

produção de hortaliças na comunidade, pois a planície de inundação fluvial quando é transbordada impossibilita o cultivo de qualquer cultura (fig.3) permanecendo inundada durante dois até quatro meses.

Fig. 3. Planície inundada.
Autor: MATOS, J.A. (2009).

Durante este período os produtores armazenam as sementes para plantarem novamente quando as águas baixarem, enquanto isso não acontece são construídos canteiros suspensos onde são cultivadas as sementes (fig.4). Fraxe (2000) tipifica o homem da várzea como *anfíbio*, pelas estratégias adaptativas peculiares em um ambiente sazonal.

Fig. 4. Canteiro suspenso.
Autor: MATOS, J.A. (2010).

A produção de hortaliças na comunidade “consiste numa atividade agrícola sustentável, pois as técnicas empregadas no cultivo causam poucos impactos no solo e no meio ambiente” (MATOS & SANTOS, 2010). Em geral, não se faz uso de instrumentos agrícolas de tração animal ou mecanizado. De acordo com Lima *et al* (2007), “praticamente não se faz revolvimento do solo, com exceção da formação das leiras para o cultivo das hortaliças, o plantio das demais espécies é feito em covas rasas”.

Para Ribeiro & Fabré (2003) apud Fraxe *et al* (2007), “a várzea Amazônica representa um sistema ecológico complexo, no qual o homem ocupa um lugar central, sob o ponto de vista de seu uso racional e sustentável”. Como se trata de um ambiente de várzea, os ribeirinhos desenvolvem diversas culturas nas áreas próximas dos rios para facilitar a captação de água para irrigação e uso próprio bem como o descolamento via fluvial.

De acordo com Brandão *et al* (2009), “as moradias estão localizadas sempre próximas das margens ou na *frente* do terreno pela facilidade de acesso à água, deslocamentos fluviais e por serem áreas de cotas mais elevadas”. São áreas denominadas por Pereira (2002) como restingas ou lombadas de terras.

“A fertilização das várzeas, áreas que recebem bastantes nutrientes minerais no período da enchente, torna o solo extremamente aproveitável para a prática agrícola” (CARDOSO & NOGUEIRA, 2005). “O uso do solo em ambiente de várzea é determinado pelo nível das águas” (LIMA *et al*, 2007), tanto no período da cheia ou da vazante, o que vai determinar qual a plantação que será cultivada, por isso os agricultores das comunidades ribeirinhas desenvolvem um conjunto de práticas, como a escolha da área a ser cultivada, a seleção das culturas e práticas de cultivo que envolvem o cultivo misto ou sítios agroflorestais de acordo com Cruz (1999).

Paul Claval (1999) apud Oliveira (2008) sustenta que a extensão pela qual se interessam os geógrafos não é abstrata, mas é feita de meios de vida com a qual o grupo social estabelece as relações no espaço. De acordo com esse entendimento, observa-se uma relação forte entre os ribeirinhos com o ambiente de várzea e o rio, principal meio de locomoção. Essa relação “transforma-se em “questão cultural”, carregada que está de simbolismos na construção de uma identidade (...) local”. (HAESBAERT, 1999, p.181, apud OLIVEIRA, 2008).

Sobre esse espaço vivido e reproduzido, que é a várzea, os agricultores desenvolvem um conjunto de práticas, dentre as quais se destacam: a seleção das áreas para determinada

cultura, geralmente nas áreas próximas às margens dos rios, pois recebem os sedimentos provenientes da inundação fluvial se tornando fértil por meio do acúmulo de sedimentos que são transportados desde as regiões Andinas, possibilitando o cultivo e a seleção das culturas.

Conforme Cardoso & Nogueira (2005) os tipos são variados e são de ciclo relativamente curto. Conforme Fraxe *et al* (2007), esse comportamento demonstra que o homem da várzea através da apropriação e manejo do meio ambiente em que vive, conseguiu adaptar-se e tornar-se sustentável neste ambiente promovendo desta forma a sua segurança alimentar mediante a sazonalidade ecológica local.

“A agricultura de várzea é assinalada principalmente pelo cultivo de hortaliças de ciclo curto” (FRAXE *et al*, 2007). Essa prática foi desenvolvida para evitar danos à produção com as enchentes constantes, e práticas de cultivo do solo, como os cercados que são construídos nas áreas selecionadas para o cultivo. Nos cercados são cultivadas várias culturas, destaca-se o cheiro-verde, a cebolinha, a chicória, a pimenta.

2.1. Caracterização do Sistema Produtivo da Comunidade Miracauera.

O sistema produtivo identificado na comunidade Miracauera é “caracterizado pela agricultura familiar, onde os agricultores utilizam o adubo orgânico” (MATOS & SANTOS, 2010). As técnicas empregadas ainda são rudimentares e os instrumentos empregados na produção são tradicionais, como o terçado, a enxada.

Esse tipo de agricultura também se denomina de tradicional, onde se caracteriza pela utilização intensiva dos recursos naturais, ou seja, a fertilidade natural do solo e a mão-de-obra direta (GRAZIANO DA SILVA, 1996).

A mão-de-obra empregada no processo produtivo de hortaliças é manual e não são tecnificada do ponto de vista da utilização de máquinas como os tratores e não há a utilização de fertilizantes industrializados, constituindo uma agricultura orgânica e um sistema de produção menos agressivo ao meio ambiente bem como uma produção sustentável do ponto de vista sócio-econômico, pois representa a permanência da população ribeirinha local no interior evitando o abandono do campesinato da várzea.

Para Cunha (2005) *apud* Fraxe *et al* (2007) “a noção de agricultura sustentável surge da preocupação das sociedades com uma agricultura produtiva, que não prejudique o meio ambiente e forneça alimentos de qualidade”. Portanto, tem-se a obtenção de alimentos saudáveis e de boa qualidade, uma vez que não há a utilização de fertilizantes industriais empregados nesse processo produtivo.

A produção da comunidade é desenvolvida por meio de culturas para o consumo familiar, e o excedente vai para abastecimento regional das feiras em Manaus. No que tange à organização e divisão do trabalho, os homens trabalham a terra preparando-a e adubando para fazer a plantação de verduras e ficam com a parte mais pesada do trabalho que é cuidar do seu cultivo, enquanto as mulheres são responsáveis pelos trabalhos domésticos, algumas mulheres possuem áreas de cercados, mas são poucas as mulheres que trabalham com verduras.

Quanto à questão da organização do trabalho, “a força de trabalho dos grupos familiares é representada pelo homem e pela mulher (casal), as crianças só desempenham funções produtivas quando não estão estudando” (BRANDÃO *et al*, 2009).

No que tange à organização do trabalho, conforme Fraxe (2000), os ribeirinhos se organizam de várias maneiras, uma delas é o mutirão. Os produtores da comunidade denominam esse sistema de impleitas ou diárias, onde é acertado um valor a ser pago pelo trabalho, neste caso a utilização desse sistema ocorre quando a produção necessita de mais mão-de-obra para a colheita, na comunidade Miracauera essa maneira de organização acontece quando há a necessidade de um número maior de mão-de-obra e quando há uma produção excedente, nesse caso ocorre o que os produtores denominam de *trocar diária* onde um dia o produtor trabalha para o vizinho e vice-versa.

A infra-estrutura é precária no processo produtivo, conforme Matos & Santos (2010) “os produtores não dispõem de técnicas adequadas para produzir com maior eficiência”, pois a plantação fica exposta ao sol durante a tarde, alguns produtores até improvisam uma cobertura para a plantação com palha de coqueiro (fig.5), mas não é suficiente para a proteção das hortaliças.

No entanto, se houvesse projeto para que os produtores utilizassem a plasticultura, treinamento e assistência técnica, os produtores rurais da comunidade teriam melhores condições de trabalho e melhor aproveitamento da produção agregando valor ao produto final,

tornando assim sua produção competitiva no mercado consumidor urbano, entretanto não há investimento na produção local que objetive melhorias no processo produtivo.

Fig. 5. Cobertura com palha de coqueiro.

Autor: MATOS, J. A. (2010).

De acordo com Matos & Santos (2010), “na comunidade Miracauera o potencial para a produção de hortaliças é grande, pois o solo de várzea é fértil, recebendo anualmente no período da enchente sedimentos que fertilizam a imensa planície da várzea, possibilitando o cultivo de hortaliças e outros”.

Na questão da irrigação, foi identificada a maneira manual, utilizando regadores retirando a água do rio. É um processo cansativo, pois o agricultor necessita irrigar seus cultivos ao menos duas vezes por dia, e para isso, o mesmo precisa ir até o rio buscar água, onde esse processo acontece repetidas vezes.

Quando o cultivo fica mais distante do rio, o agricultor abastece tanques de 150 litros, o que deixa o produtor ribeirinho mais cansado, uma vez que o mesmo precisa descer o barranco várias vezes, o que muitas vezes acontece é a divisão do trabalho na organização produtiva, dispondo dos próprios componentes da família.

Quem dispõe de recursos utiliza motor-bomba ou bombas elétricas. Quanto ao uso de bomba elétrica, isso foi possível devido à chegada da energia elétrica na zona rural do município, mas essa rede de energia não suporta a utilização dessas bombas, devido a esse fato muitos ainda continuam utilizando motor-bomba (fig.6) para irrigar a plantação com

mangueiras (fig.7) e abastecer suas casas, que hoje tem banheiro adequado, geladeira e máquina de lavar, isso revela uma melhoria na qualidade de vida ribeirinha.

Figura 6. Motor-bomba.
Autor: MATOS, J.A. (2010).

Figura 7. A irrigação.
Autor: MATOS, J.A. (2010).

Apesar de produzir bastante, essa produção não é suficiente para abastecer o mercado urbano de Manaus, toda a produção de hortaliças da comunidade é levada principalmente para a feira da Manaus Moderna, onde os feirantes de outras feiras compram lá e vão vender nos bairros da cidade.

2.2. Caracterização dos Subsistemas: roça e quintal.

Os produtores de hortaliças na comunidade Miracauera trabalham em dois subsistemas identificados por Fraxe *et al* (2007) como o subsistema de roça e de quintal. No quintal é cultivada uma variedade de plantas que são utilizadas para garantir o sustento da família.

Viana, Dubois e Anderson (1996) *apud* FRAXE *et al*, (2007); CASTRO *et al* (2007), relatam que o quintal florestal é utilizado para obter alimentos ricos em proteínas, vitaminas e sais minerais geralmente são cultivadas espécies anuais durante algum período sendo deixado em descanso (FRAXE *et al*, 2009).

Segundo Cruz (1999) “os caboclos-ribeirinhos da várzea do Careiro designam para “sítios” ou “quintais” as áreas cultivadas no entorno da casa”, onde são cultivados componentes arbóreos e árvores frutíferas.

Guillaument *et al* (1990) *apud* Cruz (1999) refere-se a essas áreas como “um sistema constituído por um conjunto de espécies [...] frutíferas, essencialmente voltadas para o consumo familiar”.

Esses cultivos nos quintais representam uma alternativa comercial como fonte complementar na renda familiar. Ao fazer uma revisão na literatura sobre os subsistemas, encontrei no estudo de Lima (1994) sobre cultivos mistos, a distinção entre três zonas desse ambiente sendo manejados pelos ribeirinhos da várzea de maneira diferente: o “jardim” é estabelecido na frente de casa compondo plantas ornamentais e medicinais, o “terreiro” é uma área limpa ao redor da casa, e o “quintal” compõe as árvores frutíferas.

Nessa composição há uma divisão de trabalho onde as mulheres e crianças limpam os jardins e o homem executa atividades na plantação de hortaliças.

Na comunidade Miracauera “a produção está voltada, principalmente, para o abastecimento dos mercados urbanos” (NODA *et al*, 1997), sendo, portanto, comercializados nos mercados e feiras de Manaus, principal destino da produção agrícola da comunidade Miracauera.

A roça (fig.8) é o local onde geralmente são cultivadas espécies anuais durante algum período (normalmente dois ciclos, dependendo da qualidade do solo) e após isso é deixado em descanso, para a recuperação da fertilidade (NODA *et al*, 2002; FRAXE *et al*, 2007). Esses

cercados rotativos representam a renovação da capacidade produtiva do solo, pois o mesmo fica em pousio, e muitas vezes o agricultor abre os cercados da roça para entrada do gado, utilizando esse espaço para fertilização usando o adubo do gado.

Figura 8. Subsistema de roça.
Autor: MATOS, J.A. (2010).

Conforme Matos & Santos (2010), “a agricultura de várzea é marcada pelo cultivo de hortaliças de pequeno ciclo”. Isso se deve ao regime das águas, dentre a produção podemos destacar as seguintes culturas: alface, couve, cebolinha, chicória, pimenta cheirosa e variedade de árvores frutíferas (manga, jambo, banana).

Conforme Cardoso & Nogueira (2005) “as plantas de uso medicinais também são consideradas parte da produção agrícola, sendo cultivados os seguintes gêneros: mastruz, jambú, capim santo, hortelã, malvarisco, crajirú, amor crescido”.

Essa produção é voltada para o abastecimento dos mercados e feiras da cidade mais próximas, neste caso a capital do Estado, Manaus. O cultivo de hortaliças representa uma alternativa para a permanência das populações ribeirinhas no interior, pois é uma atividade do ponto de vista econômico promissora, pois representa o autoconsumo e também a comercialização dessa produção em mercados e feiras no mercado urbano. (MATOS & SANTOS, 2010).

De acordo com Neves (2003) os ribeirinhos “adotam formas de gestão de usos diferenciados e sazonais dos recursos naturais em face do período de cheia e vazante do rio”, por isso a utilização de técnicas possibilita os cultivos em cercados rotativos onde o tipo de cultura é selecionado para ser cultivado em sistema consorciado com outras culturas.

CAPÍTULO 3. O TRABALHO DOS AGRICULTORES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E ESCOAMENTO DAS HORTALIÇAS.

No que tange ao escoamento, uma das dificuldades encontradas pelos produtores rurais para levar a sua produção até o mercado urbano é a questão dos transportes, pois os agricultores da comunidade não possuem embarcação própria para escoar a produção de hortaliças, logo, ficam na dependência do atravessador, que leva toda a produção da comunidade Miracauera e comercializa nas feiras em Manaus.

Como um dos obstáculos no processo produtivo da comunidade Miracauera, destaca-se a dificuldade de escoamento da produção e a impossibilidade de produzir durante todo o ano devido à sazonalidade das águas, que influencia diretamente no processo produtivo de hortaliças.

A produção de hortaliças é transportada e comercializada nas feiras de Manaus, geralmente quem leva a produção é o chamado atravessador, ou seja, agente de comercialização que na visão de CARNEIRO *et al* (2007) é alguém que leva a produção até os mercados e feiras para comercialização.

Na comunidade Miracauera os produtores não têm condições de logísticas para se locomoverem para Manaus, pois tem que cuidar da horta e o barco que leva a produção da comunidade não têm capacidade para transportar toda essa produção, além de retornar somente no dia seguinte à comunidade, tornando inviável a saída do produtor para comercializar seu produto no mercado urbano, uma vez que há o risco de não conseguir vender tudo e tendo que pernoitar em hotéis no centro de Manaus, aumentando o gasto com a viagem e minimizando seu lucro.

Entretanto, além da passagem o produtor paga o frete por cada produto levado tornando inviável que o produtor comercialize sua produção no mercado consumidor urbano, pois a produção individual é pouca e não compensa realizar a viagem até Manaus.

Isso desestimula o produtor que não tem possibilidades de se deslocar sob essas condições, então o atravessador compra essa produção e vai comercializar nas feiras em Manaus, essa é uma relação de conveniência, pois um precisa do outro, uma “troca de

favores”, além disso, o atravessador no retorno à comunidade traz encomendas para as pessoas da comunidade, essas compras são descontadas no valor pago pela produção.

É importante enfatizar que o produtor não possui condições financeiras para aquisição de uma embarcação, isso faz com que o agente intermediário atue no transporte e comercialização da produção de hortaliças. O intermediário, conforme Nogueira (1999) surge quase sempre porque o ribeirinho não está disposto a perder um dia de trabalho só pra negociar sua pequena produção e ainda pagar a passagem do barco.

Essa modalidade de transporte representa uma importância relevante porque atende as mais distantes comunidades ribeirinhas além de possibilitar o abastecimento do mercado urbano de Manaus com hortaliças, frutas e legumes que são produzidos nas comunidades mais próximas de Manaus, entretanto, não há qualquer ação governamental que atenda a essa categoria que não dispõe de recursos para investir em melhorias em virtude dos poucos rendimentos, que são adquiridos por meio das mercadorias levadas ao município e cobrado o frete pelos produtos.

3.1. Aspectos Limitantes à Produção de Hortaliças na Comunidade Miracauera.

O ambiente de várzea possui um grande potencial a agricultura devido à fertilidade do solo que é fertilizado pelos sedimentos depositados resultantes da inundação fluvial. Entretanto, além dessa peculiaridade existem fatores que limitam a produção de hortaliças na comunidade Miracauera. Os agricultores da comunidade relataram que o período da enchente “é uma das dificuldades, pois não permite o cultivo de hortaliças”, uma vez que a planície de inundação é transbordada, o que obriga os agricultores recomeçar o plantio quando as águas começam a baixar.

Durante esse período, segundo os agricultores, os mesmos armazenam as sementes das plantações em canteiros suspensos para iniciar um novo ciclo produtivo quando o nível da água começar a baixar. É um novo período na vida dos agricultores, pois é um recomeço de todo um trabalho que é influenciado pela subida e descida das águas. Nessa perspectiva, o “rio comanda a vida” (TOCANTINS, 1961, *apud* OLIVEIRA, 2008).

Outros aspectos estão relacionados à questão da assistência dos órgãos responsáveis pelo setor agrícola no município, os produtores relataram que não recebem assistência em

relação a técnicas que possibilitariam melhor produção na área de várzea, outro aspecto é a questão da irrigação que ainda é manual exigindo do produtor a utilização de motor-bomba alimentado à gasolina para captar a água do rio gerando gastos adicionais, o gráfico (1) abaixo representa fatores limitantes citados pelos entrevistados durante a pesquisa.

Os produtores afirmaram mediante a aplicação do questionário a respeito dos pontos negativos em relação à produção de hortaliças que a enchente é um dos principais fatores limitantes, constituindo-se como um dos empecilhos, pois a enchente é um processo natural que ocorre anualmente e impede o cultivo de qualquer cultura.

Entretanto, quando o nível de flutuação da água começa a recuar os sedimentos mais grosseiros em suspensão são transportados e depositados nas restingas possibilitando a fertilidade do solo tornando o terreno propício à prática da agricultura de várzea, pois o solo se torna extremamente aproveitável para o cultivo de hortaliças.

Porém, durante o período da enchente os produtores não podem cultivar suas hortaliças (exceto quando os produtores preparam os canteiros suspensos), impossibilitando dessa maneira a comercialização das hortaliças gerando prejuízos ao produtor e como consequência afeta a condição financeira dos agricultores.

Em relação à vazante periódica, quando ocorre uma vazante muito longa a captação de água para irrigar o cultivo gera um custo maior pela aquisição de mangueiras que alcancem o local onde fica o motor-bomba, pois a distância entre a plantação e o rio torna o processo de

captação de água mais longo, assim, o produtor precisa de mangueiras maiores para captar a água para irrigar seu cultivo. Essa aquisição é freqüente devido ao tempo de resistência que as mangueiras têm em relação à durabilidade, uma vez que a utilização da mesma é diária com uma freqüência de uso de duas vezes ao dia.

No que tange à orientação técnica, os agricultores da comunidade citaram que não tem apoio para plantação no que diz respeito à introdução de novas técnicas de cultivo, uma vez que a cobertura utilizada na plantação é uma técnica rudimentar utilizada por alguns agricultores e não garante a proteção adequada da plantação.

Dentre os principais fatores que limitam o desenvolvimento adequado da produção familiar na comunidade Miracauera, destacam-se: dificuldade de acesso ao mercado devido à distância do produtor em relação ao mercado consumidor por não haver condições de deslocamento do produtor em virtude dos valores a serem pagos com a passagem e o frete, se tornando dependente nesse sentido do atravessador.

A insuficiência de infra-estrutura de apoio à produção é um dos fatores que contribuem para que o produtor tenha sua produção de hortaliças limitada, se houvesse, por exemplo, a utilização da técnica da plasticultura, melhoraria as condições de trabalho e possibilitaria a agregação de valor ao seu produto; baixa produtividade das atividades agrícolas, uma vez que a produção de hortaliças é realizada de maneira individual por cada unidade familiar; falta de gerenciamento da unidade produtiva de acordo com as exigências do mercado consumidor e baixa agregação de valor aos produtos, uma vez que a oferta de hortaliças é diversificada, os agricultores se especializam em culturas de ciclo curto, porém com a colheita constante, diferente do cheiro-verde, onde a colheita é realizada uma só vez.

Essas peculiaridades adaptativas são desenvolvidas pelos ribeirinhos de várzea para que sejam minimizadas as perdas da produtividade do solo bem como a sua produção de hortaliças, portanto, de acordo com Neves (2003) os ribeirinhos adotam formas de gestão de usos diferenciados e sazonais dos recursos naturais em face do período de cheia e vazante do rio, utilizando os recursos da natureza de maneira sustentável mesmo não tendo orientação técnica e administrando recursos que são poucos.

CAPÍTULO 4. A ATUAÇÃO DO AGENTE INTERMEDIÁRIO NO ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS.

Samuel Benchimol em seu trabalho “Navegação e Transporte da Amazônia”, relata a influência do transporte fluvial no desenvolvimento do Amazonas, reforçando que o ciclo da borracha foi fundamental para os investimentos na construção de infra-estrutura de portos e na compra de embarcações que partindo de Belém e Manaus, percorriam quase todos os rios da região, viabilizando a produção regional.

A canoa era o principal meio de transporte dos indígenas na Amazônia, onde as distâncias eram superadas a remo, haja vista ser o transporte fluvial uma tradição entre as comunidades ribeirinhas.

De acordo com Duarte *et all* (s/d) “a maior parte dos municípios do estado do Amazonas possui o modo de transporte aquaviário como único meio de transportar pessoas e cargas”.

Peixoto (2006) define “transporte aquaviário (ou hidroviário) como aquele que diz respeito a todos os tipos de transporte efetuado sobre a água”. Segundo Frota (2006), “os barcos para transporte de passageiros são, na grande maioria, construídos em madeira”, evidenciando riscos à navegação.

Em nossa região “a vasta rede hidrográfica possibilita a conexão entre a cidade e as diferentes localidades da Amazônia Ocidental e constituiu, desde sua origem, um centro importante para a circulação de mercadorias e de pessoas desta região com o restante do país” (OLIVEIRA, 2008).

Para as comunidades ribeirinhas “nos municípios amazônicos os rios são como estradas, sendo o único acesso para se chegar à maioria das localidades, sendo eles indispensáveis para a manutenção do cotidiano das relações sociais e econômicas da região” (GOMES & SCHERER, 2010).

O transporte fluvial é utilizado para o escoamento da produção de hortaliças da comunidade Miracauera e “é feito por meio de barcos de recreio (de linha) e geralmente pertencem ao atravessador que compra a produção no porto do produtor e leva para vender nas feiras de Manaus” (MATOS & SANTOS, 2010), entretanto, alguns produtores se

queixam que os atravessadores vendem a produção e na volta pagam um preço bem abaixo do que foi vendido, retendo a maior parte do lucro.

Os produtos agrícolas, geralmente, têm uma extensa cadeia de intermediação entre o agricultor e o consumidor final. Fato este que torna a comercialização um elemento de grande importância para a viabilização da produção agrícola, pois é uma etapa que necessita ser realizada de imediato, devido à alta perecibilidade dos produtos e à grande oscilação de preços. (CARNEIRO *et al*, 2007, p. 199).

Fraxe (2000), no seu estudo em quatro microrregiões do Amazonas conseguiu encontrar quatro tipificações para esses agentes: marreteiro, marreteiro-feirante, regatão e patrão. De acordo com Pinto *et al* (2009), “essa malha de agentes econômicos proporciona um aumento no preço dos produtos ao consumidor final e a redução do capital monetário recebido pelos produtos dos agricultores”.

O *regatão* é aquele agente da comercialização intermediário, pois ele primeiro vai até os agricultores vender mercadorias para o consumo pessoal como sal, açúcar, sabão, roupas, entre outros em troca dos produtos da extração florestal e/ou vegetal. Assim, os produtos adquiridos passarão por um segundo intermediário, até finalmente chegar ao consumidor final, ou seja, os excedentes gerados pelo ribeirinho são apropriados pelos intermediários. O *patrão* é um agente de comercialização que possui grandes estoques de produtos do consumo geral para oferecer como adiantamento pelos produtos recebidos do agricultor, isto é, esse adiantamento pode ser dado em dinheiro ou em mercadorias, o ribeirinho estabelece com esse tipo de comercialização um laço de dependência. (SILVA & WITKOSKI, 2006, p. 11).

De acordo com Silva & Witkoski (2006), “o marreteiro é um agente da comercialização que possui seu próprio barco para transportar a produção, ele chega à comunidade para comprar os produtos da agricultura na época da colheita, para serem vendidos nas feiras da cidade”. Em relação a essa modalidade de transporte

A exploração do serviço de transporte fluvial, seja de cargas ou de passageiros tem ficado a *cargo de particulares*, e comporta uma imensa desigualdade, pois se encontrará desde o autônomo, proprietário de uma pequena embarcação, que realiza o transporte de pequenas cargas à curta distância, e onde o ofício é passado de pai para filho. (NOGUEIRA, 1999).

De acordo com Silva & Witkoski (2006), os ribeirinhos, para poderem continuar com a produção, estão sujeitos ao marreteiro feirante, pois ele possui mais bens do que os outros agricultores. “Entre o processo de comercialização de produtos agrícolas existem dois extremos, ou seja, entre as fontes produtoras e o consumidor estão os agentes intermediários” (CARNEIRO *et al*, 2007).

No estudo realizado por esses autores, eles caracterizaram esses intermediários como “agentes de comercialização”. São eles que garantem os fluxos comerciais entre estes extremos levando a produção até o mercado consumidor.

“Os *agricultores* são os responsáveis pela execução do uso da terra para a produção. Os *agentes de comercialização* são os intermediários responsáveis pelo início da circulação da produção” (CARNEIRO *et al*, 2007).

De acordo com Parente (2003) *apud* Carneiro *et al* (2007), “os pequenos agricultores defrontam-se com uma cadeia de intermediação que os separa do consumidor final, seja por estarem mais dispersos e desorganizados, seja por não disporem de meios de transporte próprio para comercializar a produção nos centros urbanos”.

Para Carneiro *et al* (2007), “ocorre uma apropriação dos excedentes produzidos por um conjunto de agentes de comercialização”, onde o agricultor não recebe o valor real da sua produção recebendo pouco pela comercialização da sua produção de hortaliças.

O que nos interessa nesse trabalho é o marreteiro-feirante, que se assemelha ao atravessador (denominação local), ele faz a negociação da produção com os agricultores comprando a colheita e vendendo nas feiras em Manaus, uma vez que os agricultores não podem se ausentar por muito tempo da propriedade, ficando assim sujeitos a esse agente que se beneficia dessa situação constituindo-se como o principal agente comercializador da produção de hortaliças da comunidade no mercado urbano.

Segundo Nogueira (1999) os armadores são originários do pequeno comércio de regatão e cobrindo percursos cujas origens situavam-se nas cidades do interior onde residia, e foi observada essa peculiaridade na comunidade, onde o agente intermediário tem como ponto de partida e chegada o seu porto tendo herdado a atividade familiar desenvolvida anteriormente pelos pais ou familiares.

Nesse processo de comercialização da produção agrícola, o atravessador é o responsável por levar as hortaliças para o mercado urbano retirando da venda do produto o valor do frete por cada caixa de verdura que ele transporta e concomitante o pagamento do carregador que conduz as verduras do barco até a Feira Manaus Moderna, principal destino da produção de hortaliças da comunidade.

Esse agente de comercialização também enfrenta as dificuldades que o produtor enfrentaria se fosse até Manaus. Uma delas é a necessidade de se alojar na embarcação para dormir e posteriormente acordar de madrugada para vender a produção.

O atravessador também fica responsável pela realização de compras de derivados alimentares para os agricultores, que pagam pelas compras com parte da sua produção e também transportar mercadorias para abastecer o comércio local da sede do município e comércios flutuantes ao longo do beiradão, associando escoamento de hortaliças e a prestação de serviços de transporte de cargas e mercadorias para garantir o pagamento das despesas com manutenção, de acordo com Nogueira (1999) o barco é útil para seu proprietário enquanto meio de locomoção, não vivendo exclusivamente dele, durante as observações diretas em campo foi observado que os atravessadores também cultivam hortaliças proporcionando outra fonte de rendimento.

Se o produtor fosse até o mercado para comercializar a sua produção teria que possuir uma banca na feira, seja ela própria ou alugada, nesse processo o lucro é minimizado, pois entra a questão da alimentação, alojamento e lugar para comercializar. Sendo assim, a atuação do atravessador no processo de escoamento da produção de hortaliças é de suma importância, pois o mesmo faz a mediação entre o produto e o consumidor, ainda que haja a apropriação do excedente por parte do agente intermediário.

A importância do agente intermediário se dá na questão da logística, onde o mesmo geralmente é o proprietário da embarcação que efetua o trajeto até o mercado urbano em Manaus, o que implica dizer que os produtores vêm de certo ponto essa atuação benéfica na questão do atravessador levar a sua produção sem a necessidade dele mesmo levar seu produto, entretanto, ocorre uma apropriação de boa parte do lucro, então nesse ponto o produtor não vê benefício em relação ao pagamento.

4.1. A atuação dos Agentes Intermediários no Processo de Escoamento de Hortaliças na Comunidade Miracauera.

Na comunidade Miracauera foram identificados três agentes intermediários, onde a ênfase do trabalho será voltada para os agentes intermediários que são de origem da comunidade, existe a atuação de agentes econômicos de outras comunidades que compram as

hortaliças de alguns produtores da comunidade Miracauera, todavia o estudo se deu especificamente na atuação dos agentes intermediários da comunidade Miracauera.

Os agentes de comercialização atuam na comunidade Miracauera comprando a produção de hortaliças do produtor e comercializando no mercado consumidor urbano, alguns agentes de comercialização pagam pela produção na hora da compra, outros primeiro negociam nas feiras e pagam o produtor quando retornam à comunidade de acordo com a negociação da produção.

Durante a pesquisa foi observado o modo de trabalho dos agentes intermediários, por isso foi necessário realizar viagens à comunidade para as observações em campo, uma delas ocorreu em um determinado trecho do trajeto realizado pela embarcação (fig.9) na comunidade no dia da viagem à Manaus e outras observações ocorreram no dia do retorno à comunidade onde foi realizado o trajeto completo.

Fig. 9. Barco de recreio.
Autor: MATOS, J. A. (2010).

Os agentes intermediários fazem as viagens até Manaus nos dias de segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira às 14 horas, e retornam sempre no dia seguinte, ou seja, pernoitam no barco mesmo e acordam às 02 horas da madrugada para irem à sua banca comercializar as hortaliças e saem de Manaus às 11 horas da manhã quando já venderam a produção, levando

mercadorias que abastecem os comércios da sede do município Careiro da Várzea (Vila do Careiro) e o comércio local da comunidade.

As condições de trabalho nem sempre são adequadas, pois os agentes intermediários têm que se alojar no barco, e levando em consideração que ainda pagam os carregadores para levarem as caixas de verduras.

Os agentes intermediários afirmam que nem sempre podem pagar um preço melhor pelas vendas, alegando que dependendo do dia a comercialização pode ser boa ou não, dependendo também da demanda de hortaliças que são comercializadas e a proximidade de outros produtores que em menor espaço de tempo chegam com sua produção, segundo os agentes de comercialização, isso faz o preço ficar baixo demais, além das despesas com carregadores e o aluguel da banca (fig. 10).

Fig. 10. Comercialização na feira Manaus Moderna.

Autor: MATOS, J. A. (2011).

Cada produtor tem seu comprador de preferência, algumas vezes o agente intermediário é parente de algum produtor por isso essa cadeia de intermediação é difícil de ser combatida, pois os produtores alguns preferem vender para o atravessador mesmo sabendo

que vai receber um pouco abaixo do valor de mercado, porém, nesse caso o produtor avalia as suas condições de fazer a viagem para comercializar convém a ele encarregar ao atravessador (fig. 11) a venda das hortaliças.

Fig. 11. Agente de comercialização.
Autor: MATOS, J. A. (2011).

No dia da viagem o barco sai parando em todos os portos de produtor embarcado as hortaliças, já os produtores que moram mais próximos do agente de comercialização deixam no porto do agente intermediário.

Nessas relações mantidas entre os produtores ribeirinhos e os agentes de comercialização está representado um dos momentos mais importantes de subordinação do ribeirinho à “lógica” do capital comercial, onde o produtor não comercializa diretamente com o mercado, senão por meio do agente de comercialização.

Há de se ressaltar o surgimento de um novo segmento, segundo Nogueira (s/d), voltado para o transporte de passageiros que tem se especializado em transporte expresso, em lanchas velozes dotadas de motores potentes, transportando apenas o passageiro e sua bagagem.

A introdução do barco motorizado revoluciona a noção de tempo-espço, ao longo do tempo a modalidade de transporte fluvial no Careiro da Várzea passou por um processo de

transformação a partir do ano 2001, ainda utilizando os barcos de recreios para transporte de cargas e as lanchas expressos (fig. 12) atualmente para transporte de passageiros e pequenas cargas, não sendo possível devido ao tamanho o transporte de hortaliças.

Fig. 12. Expresso.
Autor: MATOS, J. A. (2010).

Figura 13. Expresso com duas máquinas.
Autor: MATOS, J. A. (2011).

De acordo com Nogueira (s/d) o setor transporte está constantemente submetido a inovações tecnológicas voltadas para o aumento da velocidade. O percurso até Manaus antes demorava três horas e meia de viagem, com a introdução dessa modalidade de transporte expresso reduziu o tempo para uma hora.

CAPÍTULO 5. RESULTADOS.

Observou-se no decorrer da pesquisa que a produção de hortaliças na comunidade Miracauera e a prática agrícola desenvolvida na várzea, portanto, apresenta vantagens e desvantagens. O ponto positivo no ambiente de várzea que pode ser destacado é que o solo é fértil, em decorrência do período da enchente que fertiliza a planície com sedimentos e a expressiva produção de hortaliças desenvolvida na comunidade.

Como entraves os produtores destacaram a dificuldade de escoamento da produção em relação às condições de transporte, ainda que haja embarcações que efetuam o transporte, os produtores referem-se às dificuldades de escoamento no sentido de não haver políticas que contemplem essa carência, onde o produtor acaba vendendo a sua produção para o atravessador obtendo menor lucro e a impossibilidade de produzir durante todo o ano devido à sazonalidade das águas que se manifestam no período da cheia e da vazante. As produções são levadas e comercializadas nas feiras de Manaus, geralmente quem leva a produção é o agente intermediário, que leva a produção até os mercados e feiras para comercialização.

Na comunidade Miracauera os produtores afirmaram durante a pesquisa que não têm como se locomover para Manaus para comercializar a sua produção, pois tem que cuidar da horta e o barco que leva a produção da comunidade não têm capacidade para transportar toda essa produção, além de pagar pelo transporte e por cada “caixa” de verdura, associando o valor da passagem e do frete isso onera os lucros do produtor, que acaba vendendo sua produção para o atravessador.

Nesse processo de escoamento surge a figura do agente intermediário que atua no transporte da produção de hortaliças constituindo-se como o principal comercializador dessa produção na feira Manaus Moderna. Isso ocorre devido à ausência de políticas de escoamento da produção de hortaliças na comunidade Miracauera, constituindo um dos principais fatores que favorecem o aparecimento de agentes de comercialização.

Quando as políticas públicas não atendem a real necessidade do produtor ribeirinho em relação às suas dificuldades em relação ao escoamento, favorece uma minoria que dispondo de meio de transporte próprio desenvolve uma atividade econômica que onera o lucro do produtor.

Por se tratar de uma produção com potencial para a prática da agricultura, não foi observada a preocupação em investir na produção local, não foi notada ações por parte do poder municipal ou secretaria de produção rural investimento nessa atividade que é vital para o produtor e implica no seu próprio sustento representando a permanência dessa população nas comunidades ribeirinhas.

Não há a devida atenção para esses produtores que estão desassistidos, e sem ter a quem recorrer trabalham da maneira como podem para garantir o sustento da família, porém, os agricultores afirmam que não há interesse em mudar de local de moradia, evidenciando uma apego ao lugar.

Esse laço afetivo que os moradores mantêm com esse ambiente é um fator de permanência na comunidade, haja vista a relação de *topofilía* com o lugar explicada na Geografia do sentimento (OLIVEIRA, 2009), a percepção do ribeirinho da várzea nesse espaço vivido, a maneira como são estabelecidas as relações sociais e como ele se apropria desse espaço transformado pela erosão e deposição de sedimentos.

Na questão sobre a existência de Associação de produtores, 22 entrevistados afirmaram que sabem da existência, os 8 entrevistados que afirmaram não haver Associação de produtores dizem que não são associados então para eles a associação não existe. Dos entrevistados, 10 participam da associação de produtores como associados e 20 não são associados afirmando que não vê futuro promissor no trabalho da associação, dizendo que não vai pra frente e que não dá certo.

Foi observado que na comunidade Miracauera o potencial para a produção de hortaliças é grande, pois o solo de várzea é fértil, recebendo anualmente no período da enchente sedimentos que fertilizam a imensa planície da várzea, possibilitando o cultivo de hortaliças. De acordo com Ferreira *et al* (1999), “as várzeas são fertilizadas pelo sedimento em suspensão que é depositado, tornando essas áreas as mais férteis da Região Amazônica”.

Os produtores da comunidade Miracauera vendem sua produção aos atravessadores (agentes de comercialização), alegando que não tem condições de se ausentarem por muito tempo da comunidade, uma vez que precisam pagar uma pessoa para irrigar e cuidar da plantação durante o período de tempo em que estão ausentes perdendo um dia de trabalho.

Tais situações ocorrem em virtude dos valores pagos na passagem de ida e volta além de não ter lugar ou Box na feira para comercializar a sua produção e não ter garantia que venderá toda a sua produção, então o escoamento dessa produção é realizado por intermédio do atravessador, que por possuir melhores condições de logística dispõem de barco próprio, onde é adicionado o valor do frete no preço das hortaliças minimizando o lucro do produtor.

Como se trata de uma área de várzea nota-se que há dificuldades no processo de escoamento da produção de hortaliças, pois não há vias de escoamento terrestre e nisto se evidencia a importância do atravessador no processo de escoamento da produção de hortaliças por via fluvial, pois o mesmo possui melhores condições de logística além de ter banca na feira mesmo que alugada. A embarcação que efetua o transporte das hortaliças da comunidade pertence a um dos agentes de comercialização, o mesmo possui banca alugada onde comercializa as hortaliças adquiridas na comunidade Miracauera e em outras comunidades ao longo do paraná do Careiro.

Os agricultores da comunidade Miracauera organizam sua estratégia de sobrevivência conforme o regime de cheia dos rios, alternando suas atividades no ambiente de várzea (produção de culturas de ciclo curto) harmonizando sua produção com as mudanças sazonais da várzea, ora em ambiente terrestre e ora sobre a água quando ocorre a inundação fluvial.

A pesca artesanal é uma atividade praticada em qualquer momento como alternativa para equilibrar o orçamento. Na época das cheias, mesmo as comunidades cuja atividade principal é agricultura, também desenvolvem a atividade pesqueira como uma alternativa de produção proporcionando uma renda adicional, onde os mesmos já estão se organizando em uma associação de pescadores artesanais para terem direito ao seguro-desemprego pago no período do defeso, isso explica a pequena quantidade de interessados na associação de produtores, pois não há esse tipo de compensação no período da enchente quando os produtores não podem plantar por não haver terra disponível.

Essa situação levou à seguinte reflexão, se há essa política para os pescadores devidamente cadastrados na Federação de Pescadores, porque não há a mesma política para os produtores de hortaliças organizados em associação? Essa situação acaba tirando as esperanças do produtor em ter melhores condições de trabalho e principalmente, como sustentar a família no período da inundação fluvial, não há política agrária voltada para o pequeno produtor, que produz o necessário para sua sobrevivência sendo o excedente comercializado nos mercados e feiras em Manaus.

CONCLUSÃO.

Os sistemas produtivos desenvolvidos na comunidade Miracauera são caracterizados pela agricultura familiar, onde a força de trabalho empregada envolve a família do produtor, utilizando o adubo orgânico para fazer a adubação das plantações e a mão-de-obra empregada é manual.

A força de trabalho familiar constitui o elemento mais importante na atividade de trabalho da unidade camponesa, portanto, é a família que define o máximo e o mínimo da atividade econômica a ser desenvolvida, quando há o aumento da produção de hortaliças isso se deve às necessidades do consumo familiar, onde o tamanho da família (número de trabalhadores) tem relação direta com a atividade econômica da unidade de produção.

A produção da comunidade é desenvolvida por meio de culturas para o consumo familiar, e o excedente vai para abastecimento regional das feiras em Manaus, a agricultura de várzea é marcada pelo cultivo de hortaliças de pequeno ciclo, isso devido ao regime das águas. Para Chayanov (1966) *apud* Pontes (2005), o trabalho do camponês tem como fim a satisfação de suas necessidades.

Pontes (2005) enfatiza que tanto para Chayanov quanto para Marx é possível se falar de um modo de produção camponês ou de uma economia camponesa, quando o campesinato se apropria, na íntegra, do produto da terra em que trabalha, isso explica o problema da falta de acumulação de capital da economia camponesa quando há a apropriação do lucro da produção de hortaliças pelo atravessador e não pelo produtor.

Seja por estarem mais dispersos ou desorganizados, seja por não disporem de meios de transporte próprios ou a custos reduzidos para comercializar sua produção no mercado consumidor urbano de Manaus, instalou-se uma cadeia de intermediação entre os produtores e o principal mercado consumidor, inclusive, a preços mínimos de comercialização e impedem o agricultor de comercializar diretamente seus produtos no mercado urbano.

Esta prática beneficia o capital comercial que compra a produção dos agricultores a preços muitas vezes baixos e vende muitas vezes com grandes margens de lucro. Entretanto essa cadeia de intermediação parece ser favorável ou cômoda ao agricultor que em virtude das dificuldades para escoar e comercializar a sua produção seja por não ter banca na feira ou condições de logística “entrega” nas mãos do agente de comercialização que se constitui o

principal mediador e comercializador da produção de hortaliças da comunidade Miracauera e vai desempenhar uma atuação importante no que tange ao escoamento por possuir embarcação própria, porém, essa atuação não garante um lucro maior para o produtor.

O pequeno produtor ainda não está preparado para gerenciar a sua produção no que tange à composição de mercado e despesas com a produção, falta capacitação, orientação técnica e outras ações que garantam assistência para que possam propiciar condições mínimas de aprendizado de técnicas que possibilitem uma produção sustentável do ponto de vista sócio-econômico e garanta a permanência do produtor ribeirinho na sua comunidade.

Para driblar essas dificuldades é necessário que haja a organização e participação efetiva dos produtores da associação em cooperativa para viabilizar a interlocução entre os produtores e o mercado, capacitação dos produtores sobre gerenciamento e agregação de valor; promoção da assistência técnica com objetivo na melhoria das condições de trabalho na zona rural implantando técnicas apropriadas; realização de pesquisas direcionadas à realidade das comunidades ribeirinhas e estimular os processos produtivos de produtos considerados de grandes potenciais produtivos.

Nota-se também na comunidade Miracauera há ausência de políticas públicas que contemplem a necessidade dos produtores em relação à capacitação, melhor aproveitamento do solo e técnicas que sejam eficazes no processo produtivo na comunidade Miracauera. Apesar da produção considerável, essa produção não atende a demanda do mercado consumidor urbano, isso demonstra a necessidade de projetos para atender aos produtores da comunidade na questão da aplicação de técnicas adequadas e capacitação dos mesmos para que o município do Careiro da Várzea continue sendo um dos maiores produtores de hortaliças no Estado do Amazonas, essa produção é sustentável e representa a permanência dos moradores na comunidade evitando assim que ocorra o abandono do campesinato.

Portanto, é necessário promover ações voltadas para as necessidades dos produtores no sentido de orientar quanto à questão de novas técnicas que possam possibilitar o aumento da produção de modo que possa abastecer o mercado consumidor e preparar o produtor no que tange à concorrência com os demais produtores de outras comunidades e promover uma produção que venha agregar valor ao produto final, para isso é necessário possibilitar a devida assistência para o produtor estar preparado para oferecer uma produção de hortaliças com qualidade e investir em projetos de pesquisas que possibilitem um levantamento de dados que contribuam para a assistência às comunidades.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2ª Ed. Campinas: Hucitec/Anpocs/Ed. Unicamp. 1998.

BENCHIMOL, Samuel. **Navegação e Transporte na Amazônia, Manaus/AM**. (1995).

BRANDÃO, Jesuete Pacheco. BRANDÃO, José Carlos Martins. LEONARDOS, Othon H. **Sistemas de produção alternativos à sustentabilidade na Amazônia**. In: VIII Encontro Da Sociedade Brasileira De Economia Ecológica 5 a 7 de agosto de 2009 Cuiabá - Mato Grosso – Brasil. Disponível no endereço eletrônico <<http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/VIII/GT5-1-115-0090612030016.pdf>> acesso em dezembro de 2010.

CARDOSO, Ricardo de Jesus. NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **A reprodução da vida nas águas do paraná de terra nova-Careiro da Várzea/AM**. In: III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária, Presidente Prudente, 11-15 de novembro de 2005.

CARNEIRO, Elizângela de França. FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. MOURÃO, Renata Reis. RIVAS, Alexandre Almir Ferreira. **Estratégias de comercialização dos agricultores familiares em comunidades ribeirinhas**. In: Comunidades Ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais: EDUA, 2007.

CARVALHO, José Alberto Lima de. **Terras caídas e consequências sociais: costa do Miracauera – paraná da trindade, município de Itacoatiara – AM, Brasil, 2006**. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas.

CASTRO, Albejamere Pereira de. SILVA, Suzy Cristina Pedroza da. PEREIRA, Henrique dos Santos. FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. SANTIAGO, Joseane Lima. **A agricultura familiar: principal fonte de desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades da área focal do projeto Piatam**. In: Comunidades Ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais: EDUA, 2007.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo. **Caboclos-ribeirinhos da Amazônia: um estudo da organização da produção camponesa no município do Careiro da Várzea-AM**. Dissertação de mestrado, USP, 1999.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo. **Sítios agroflorestais na várzea do Careiro**. In: *Revista de Geografia da U.A.* Vol.1, nº1, p.105-122, jan. /dez.1999.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia. Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo, 2007.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo. **Campesinato e meio ambiente na várzea da Amazônia.** In: ROSA, M.V & FALCADE, Ivanira (orgs.) *Tradição versus tecnologia: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

DUARTE, Rita Carolina Dias Santana. KUWAHARA, Nelson. ALENCAR, Larissa Albuquerque de. **Perspectiva ergonômica para embarcações do Estado do Amazonas.** Laboratório Transportar (UFAM). [S/D].

FERREIRA, Sávio José Figueiras. REICHARDT, Klaus. MIRANDA, Sebastião Átila Fonseca. In: *Acta Amazônica* 29 (2): 277-292. 1999. **Características físicas de sedimentos e solos de dois lagos de várzea na Amazônia central.** Disponível em: <<http://acta.inpa.gov.br/fasciculos/29-2/PDF/v29n2a09.pdf>>. Acesso em Março de 2011.

FRAXE, T. J. P. ***Homens Anfíbios: etnografia de um campesinato das águas.*** São Paulo: ANNABLUME, 2000.

FRAXE, T. J. P. VASQUES, Marinete da Silva. CASTRO, Albejamere P. de. MIGUEZ, Samia Feitoza. **Horta escola em comunidades de várzea na Amazônia ocidental.** In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, período de 29 de maio - 1º de junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. PEREIRA, Henrique dos Santos. WITKOSK, Antonio Carlos. (Organizadores). **comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.** EDUA, 2007.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. CASTRO, Albejamere Pereira de. SILVA, Cristina Pedroza da. **Os sistemas agroflorestais como fonte alternativa de sustentabilidade para a agricultura familiar.** In: XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, 28-31 de junho de 2009, Rio de Janeiro – RJ. Disponível em <http://starline.dnsalias.com:8080/sbs/arquivos/18_6_2009_10_51_55.pdf> Acesso em abril de 2011.

FROTA, C. D. *et al* (2006). **Estudos de transporte e logística na Amazônia.** Novo Tempo, Manaus.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo. Atlas, 2002. 175p.

GOMES, Maria Milene de Souza. SCHERER, Elenise Faria. **A precariedade do trabalho do carregador de bagagens do porto da Manaus Moderna.** In: Semana Nacional de Ciência e Tecnologia - III Simpósio Interinstitucional UEA/UFAM/CETAM, Itacoatiara-AM, 18-22 de outubro de 2010. Resumo disponível em CD-ROM, nº59.

GUERRA, Antonio Teixeira. **Dicionário geológico-geomorfológico.** Rio de Janeiro: IBGE, 1975.

GRAZIANO NETO, F. **Qual reforma agrária?** Terra, Pobreza e Cidadania. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

WITKOSK, Antonio Carlos. **Terra, floresta e água: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2006.

LEI COMPLEMENTAR nº 52, de 30 de maio de 2007, artigo 1º. Publicação no Diário Oficial do Estado do Amazonas disponível no endereço eletrônico: <http://pt.wikisource.org/wiki/Lei_Complementar_do_Amazonas_52_de_2007> acessado no dia 21/09/2010 às 10h30min.

LEI COMPLEMENTAR nº 59, de 27 de dezembro de 2007. Diário Oficial do Estado do Amazonas, número 31.251, ano CXIV, de 27 de dezembro de 2007. Disponível em: <http://pt.wikisource.org/wiki/Lei_Complementar_do_Amazonas_59_de_2007> acessado no dia 21/09/2010 às 10h30min.

LIMA, Roberval B. **Descrição, composição e manejo dos cultivos mistos de quintal na várzea da “Costa do Caldeirão”, Iranduba-AM**. Dissertação de Mestrado. 1994.

LIMA, H.N; TEIXEIRA, W.G E SOUZA, K W de. **Os solos da paisagem de várzea com ênfase no trecho entre Coari e Manaus**. In: **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**: EDUA, 2007.

MAGALHÃES, Regiane Campos. ALBUQUERQUE, Adoréa Rebello da Cunha. **Análise do risco nas terras caídas: consequências socioambientais na comunidade do divino espírito santo município de Iranduba (AM) – Brasil**. Disponível em <www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4417> acesso em dezembro de 2010.

MARINHO, Rogério Ribeiro. MELO, Edileuza. **Análise multitemporal da geomorfologia fluvial do rio Solimões entre dois períodos hidrológicos (cheia de 1999 e a vazante 2005)**. In: Anais XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Natal, Brasil, 25-30 abril 2009, INPE, p. 4765-4772.

MATOS, Jônatas de Araújo. SANTOS, Fabiana Maria Machado Soares dos. **Diagnóstico do setor produtivo rural no Estado do Amazonas-estudo de caso na comunidade Miracauera, Careiro da Várzea**. In: Semana Nacional de Ciência e Tecnologia - III Simpósio Interinstitucional UEA/UFAM/CETAM, Itacoatiara-AM, 18-22 de outubro de 2010. Resumo disponível em CD-ROM, nº69.

NEVES, Delma P. **A agricultura familiar e o claudicante quadro institucional**. 2001.

NEVES, Delma Pessanha. **Os ribeirinhos e a reprodução social sob constrição**. In: Boletim Rede Amazônia. Rio de Janeiro: Ano 2. No. 1, 2003. [47-59].

NODA, S. do N.; NODA, H.; FONSECA, O.J. de M. **Dois décadas de contribuição do INPA à pesquisa agrônoma no trópico úmido**. Ministério da Ciência e Tecnologia/Instituto Nacional de Pesquisa na Amazônia. Manaus. 1997. 332 p.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. **Transporte fluvial na Amazônia**. Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas [s/d].

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. **Amazonas: um estado ribeirinho**. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas, 1999. 159 p.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica: a “geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas**. Tese de doutorado. USP, São Paulo, 2001.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Lugar e cultura: a produção da vida no Careiro da Várzea-AM**. In: *Revista ACTA Geográfica*, ano I, nº2, jul./dez. de 2007. p.85-95. Disponível em: <http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20AmeliaReginaBatistaNogueira.pdf> acesso em março de 2011.

OLIVEIRA, Ailton Antonio Baptista De. **Análise da dinâmica geomorfológica da planície do Rio Solimões, próximo a Manaus, através do processamento digital de imagens de sensores ópticos e de micro-ondas**. In: Anais VIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Salvador, Brasil, 14-19 abril 1996, INPE, p. 233-239. <<http://marte.dpi.inpe.br/col/sid.inpe.br/deise/1999/01.27.16.04/doc/T45.pdf>> Acesso em março de 2011.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Espaço-tempo de Manaus: a natureza das águas na produção do espaço urbano**. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 23, P. 33-41, JAN./JUN. DE 2008.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente**. SHERER, Elenise. José Aldemir de Oliveira (orgs.). Manaus. EDUA, 2009.

PEIXOTO, T. F. de A. *et al* (2006). **Estudos de transporte e logística na Amazônia**. Novo Tempo, Manaus.

PEREIRA, Henrique dos Santos. **Dialogando com a paisagem: a caracterização geomorfológica da várzea do complexo Solimões-Amazonas**. Manaus, 1995, mimeografado.

PEREIRA, Henrique dos Santos. **Dialogando com a paisagem: Uma análise ecológica da agricultura familiar da várzea do rio Solimões – Amazonas**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas/INPA. (2002).

PEREIRA, Henrique dos Santos. **A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do rio Solimões-Amazonas (As unidades paisagísticas das várzeas)**. In: **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. EDUA, 2007.

PINTO, Ilzon Castro. MACEDO, Renato Luiz. FERNANDES, Rinaldo Sena. **Agricultura familiar nas várzeas do alto Rio Amazonas**. In: Revista Brasileira de Agroecologia/nov.2009 vol. 4 nº2. Resumos do VI CBA e II CLAA.

PONTES. Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx**. In: **REVISTA NERA – ANO 8, N. 7 – Julho/Dezembro de 2005 – ISSN 1806-6755**. Disponível em <<http://www4.fct.unesp.br/nera/revistas/07/Pontes.PDF>>

RIBEIRO, M. & FABRÉ, N. N. **Sistemas abertos sustentáveis – SAS. Uma alternativa de gestão ambiental na Amazônia.** Manaus, EDUA, 2003, 243 p.

ROZO, José Max Gonzalez; NOGUEIRA, Afonso Cesar Rodrigues; CARVALHO, Albertino de Souza. **análise multitemporal do sistema fluvial do Amazonas entre a Ilha do Careiro e a foz do Rio Madeira.** In: Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Goiânia, Brasil, 16-21 abril 2005, INPE, p. 1875-1882. Disponível em: <<http://marte.dpi.inpe.br/col/ltid.inpe.br/sbsr/2004/10.20.15.44/doc/1875.pdf>> acesso março de 2011.

SAUSEN, Tânia Maria. AQUINO, Luiz Carlos Sérvulo de. **mapeamento geomorfológico da área-programa do Careiro-PDRI/AM através da técnica de sensoriamento remoto.** [s/d].

SILVA, Nágila Lima da. WITKOSKI, Antonio Carlos. **O Papel da aplicação do crédito rural no desenvolvimento das atividades agrícolas na comunidade da Costa do Catalão na Amazônia Brasileira.** Artigo disponível no endereço eletrônico <<http://www.alasru.org/cdalasru2006/09%20GT%20N%C3%A1gila%20Lima%20da%20Silva.pdf>> acesso em novembro 2010.

SCHERER, Elenise *et al.* **Políticas sociais para os Povos das Águas.** In: Cadernos do CEAS. No. 207. Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, 2003.

SOARES, Ana Paulina Aguiar. **A guerra do peixe: Janauacá, conflitos e territorialidades nas águas.** In: SHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir. **Amazônia, território, povos tradicionais e ambiente.** Manaus: EDUA. 2009. p. 116-143.

STERNBERG, H.O.R. **A água e o homem na várzea do careiro.** 2.^a ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998. 330 p.